

Os que cavam encontram semelhantes – aproximações discursivas genocídrias entre Hamas e a extrema-direita israelense

Michel Gherman¹

Milleni Freitas Rocha²

RESUMO O objetivo deste artigo é analisar duas narrativas genocídrias no contexto Israel/Palestina, que aparecem como opostas no debate público, sendo elas protagonizadas pela linha política do Likud/Otzmat Yehudit/Sionismo Religioso e do Hamas/Jihad Islâmico. Ambas as narrativas estão baseadas na ideia de confronto e da destruição do outro. O artigo contém análises sobre trechos de falas de figuras públicas relevantes para Israel/Palestina que remontam a um conto de Amos Oz, ao concretizarem tensões subterrâneas expressas na literatura, já percebidas há gerações por israelenses e palestinos. Conceitos como pulsão de morte e genocídio são mobilizados para a compreensão que parte do episódio recente do dia 07 de outubro de 2023.

PALAVRAS-CHAVE Palestina; Israel; literatura; genocídio; guerra; coexistência.

Outubro e a gramática da destruição

O dia 7 de outubro de 2023 foi um dia de inflexão para todos que se interessam por Israel, pela questão palestina e pelo Oriente Médio como um todo. Para nós, que estávamos a dezenas de milhares de quilômetros, esse dia também foi um

1. Professor do Departamento de sociologia e do programa de pós-graduação graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordenador do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Judaicos (Niej).

2. Doutoranda do programa de pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Judaicos (Niej).

marco que iria, apesar de ainda não o sabermos então, influenciar profundamente nossas perspectivas sobre o chamado conflito entre israelenses e palestinos. Ao mesmo tempo, os eventos de 7 de outubro afetariam também nossas perspectivas de convivência, e percepções identitárias e políticas no país em que vivemos. É possível afirmar que, nesse sentido, a “experiência local” fora influenciada pelo contexto internacional de forma impressionante e inesperada. De certa maneira, os três meses seguintes transformariam, ao que tudo indica, as possibilidades de reflexão e pensamento sobre temas políticos e de pesquisa, com os quais estávamos bastante acostumados a lidar.

Nada seria como antes desde então. Em 7 de outubro, escutávamos, desde o Brasil, notícias que davam conta de uma invasão ocorrida por palestinos da Faixa de Gaza em regiões ao sul de Israel. Era feriado de *Simcha Tora*³, dia sem trabalho e com atividades ao ar livre. Entre os judeus religiosos, o hábito era de frequentar sinagogas onde filas se formavam para que o pergaminho da torá fosse lido pela audiência.

Aos poucos entendíamos, no Rio de Janeiro, a extensão do evento que ocorria em Israel. Militantes do Hamas, da Jihad Islâmica e de outros grupos palestinos produziam ataques a aldeias, cidades e comunidades agrícolas nas regiões de fronteira conhecidas como “zona que envolve gaza”. O que acontecia naquele momento parecia ser um massacre. Em menos de um dia houve mais de mil mortos, sendo a grande maioria de civis israelenses. Além disso, éramos informados que havia de centenas de civis sequestrados e levados para dentro da Faixa de Gaza, dentre eles crianças, idosos e mulheres.

Para um de nós, a angústia naquele dia 07 foi múltipla e cruzada. Havia nela elementos profissionais e políticos, sim, mas também havia referências desafiadoras e de ordem pessoal. É o que escreve Michel Gherman em um artigo intitulado “Judeu Imaginário: A extrema direita estimula a comunidade judaica a criar inimigos internos”, publicado há alguns meses na revista *Piauí*⁴ (novembro, 2023):

3. Feriado que ocorre depois da festa de sucoth e que encerra o mês festivo de Tishrei do calendário judaico, que se inicia com Ano Novo e Yom Kipur. Simcha Torá marca o encerramento da leitura dos textos da Bíblia e o início circular de sua leitura. Importante notar que neste outubro de 2023 se marcavam exatos 50 anos da Guerra de Yom Kipur, até então experiência das mais traumáticas da experiência política e militar de Israel.

4. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/professor-escreve-sobre-colonizacao-do-judaismo-pelaextrema-direita/?nocache>>. Acesso em janeiro de 2024.

Como quase todas as pessoas que conheço, fui pego de surpresa no dia 7 de outubro, sábado. Eu estava envolvido nesse dia com preparações de aulas e atividades de fim de semana, quando meu telefone começou a tocar. Era manhã no Brasil e tarde no Oriente Médio. Entendi depois que, justamente naquela hora, os acontecimentos em Israel estavam no auge. Familiares e conhecidos faziam contato para saber notícias do que tinha acontecido e perguntar sobre parentes e amigos. Todos pediam ajuda para entender o que estava acontecendo em um país que eu conheço tão bem. Depois de responder às pessoas mais próximas, muito angustiadas, dizendo que eu me informaria sobre como estavam todos na *Haretz* (forma carinhosa de falar de Israel), comecei a receber outras ligações. Agora, de jornalistas. Jornais e emissoras de tevê pediam minha avaliação sobre o que estava acontecendo, mas também sobre o que eu pensava que poderia acontecer. Não falavam mais com o Michel de Israel, mas com o professor. Enquanto eu procurava informações na mídia de Israel, entendi que eu passara a ser, naquele momento, fonte para a análise de um evento que eu mesmo ainda custava a entender. Dentre todas as mensagens e telefonemas, foi justamente um áudio em um grupo grande de WhatsApp que se mostrou para mim revelador do que iria ocorrer em Israel, na Faixa de Gaza e – o que seria minha surpresa – também no Brasil. A mensagem vinha de Israel. A voz feminina, com sotaque carioca e ritmo israelense, dizia que estava bem, que tinha se salvado, mas falava também de tiroteios e bombas em uma festa, segundo ela, “com muitos brasileiros”. Algumas horas depois entendi que a voz era de uma sobrevivente da rave Universo Paralelo, organizada por um DJ brasileiro na região de Re'im, próxima de Gaza. A festa e um kibutz ali perto foram atacados por terroristas do Hamas, que deixara centenas de mortos. A maioria era jovem e, dentre eles, havia alguns brasileiros. Ainda não descobri de quem era a voz. (Gherman, 2023, s/p)

Depois do massacre, outro massacre

Ao massacre de 07 de outubro seguiu-se outro massacre. Imediatamente depois da invasão em Israel, forças militares israelenses se concentravam na fronteira com Gaza. Reservistas israelenses se apresentavam aos montes nas suas respectivas bases espalhadas pelo país. Os mais de mil mortos em Israel produziam a percepção social de que era chegada a hora da vingança (*Nakam*). Somado a isso, dirigentes dos partidos governistas e lideranças políticas do país usavam termos bíblicos para justificar a necessidade de resposta forte e imediata a Gaza. A palavra *Nakam* circulava pelos tomadores de decisão de Israel. Um Estado, seu exército e seus líderes falavam em vingança. Essa parecia ser a estratégia. A vingança surgia como o plano militar de atuação.

Corpos destroçados e casas destruídas eram descobertas a cada incursão pelo sul de Israel. O governo de extrema-direita parecia se sentir confortável. Assumia-se o ódio como projeto de ação. Finalmente, a “dança da morte” entre o Hamas e Israel aumentava a velocidade e ganhava tração. Os desejos de destruição e morte, há muito embalados pelos setores mais radicalizados do mais extremista governo da história de Israel, pareciam próximos de ser concretizados. Ao massacre de 7 de outubro se sucederia outro massacre, que multiplicaria o número de mortos e a destruição. Três meses depois da invasão de Israel a Faixa de Gaza, já são quase 30 mil, em sua maioria civis. Dentre eles, muitas crianças.

Nesse contexto, pode-se dizer que a dinâmica posterior aos eventos de 07 de outubro nos colocava diante do que a sociologia política chama de “Profecia autorrealizada” (Becker, 1977). Aqui, os desejos de destruição e desaparecimento do Outro se tornavam, para extremistas dos dois lados da fronteira, palpáveis e alcançáveis. Dirigentes israelenses e lideranças palestinas em Gaza se viam mutuamente como “coletivos desviantes”, onde o desaparecimento do concorrente era a alternativa mais desejada para a superação dos “traumas e das dores historicamente acumulados” (Gherman, 2014). Em outras palavras, o desejo central era de aniquilação sacrificial e final do Outro.

Ao que parecia naqueles primeiros dias de outubro de 2023, isso finalmente era possível. Testemunhávamos, portanto, a consolidação de uma gramática da destruição, constituída por perspectivas messiânicas e aceleracionistas⁵, onde o estabelecimento do desaparecimento do Outro seria a referência fundamental do programa para a vitória.

Esse tipo de visão de mundo (*Weltanschauung*) que une um fundamento religioso em interface com a política (Koselleck, 2006) remete sobretudo à noção do Juízo Final e do Apocalipse como organizadores do presente. Ou seja, o horizonte de expectativas – nos termos de Koselleck – passa a ser o próprio Apocalipse. É ele, ao fim e ao cabo, que vai fazer desaparecer a humanidade e o mundo pela ordem divina. A destruição total passa a ser uma espécie de “adiantamento da profecia”. Sendo assim, o genocídio (nos termos contemporâneos) produz uma interpretação de ordem moral do mundo, cujos grupos exterminados fariam parte de uma atuação divina por meio de mãos humanas.

5. Mais do que uma ideologia coerente, o aceleracionismo constitui-se em discursos dos grupos na extrema direita, onde, associado a teorias conspiratórias e a visões apocalípticas do futuro que buscam antecipar o fim dessa civilização, para dar origem a uma nova ou antiga era (cf. Rink & Sharma, 2018)..

A partir daí, surgem elementos conspiracionistas e de complô (Cesare, 2022), entre palestinos e israelense. Nesse sentido, uma relação dialética de medos e desejos se fortalece. Para cada um desses coletivos nacionais, a existência do Outro coletivo passa a ser ameaça existencial para si. Isso justificaria o 07 de outubro, bem como justificaria a cruel resposta a esses ataques. O projeto se resumia a defesa para “nosso lado” e aniquilação do “deles”. A Guerra entre Hamas e Israel passa a se apresentar a partir de outubro, portanto, como uma guerra “até o final”, onde não há meio termos ou meias vitórias. Uma última guerra, a guerra de purificação e sacrificial⁶.

Ambos os grupos que dirigem os ataques – e a reação, nesse caso – compartilham de referências e linguagem similares, em que identidades fundamentalmente religiosas e lineares de destacam. A extrema direita israelense, como o caso do Partido Otzmat Yehudit (Força Judaica, do Ministro Itamar Ben Gvir), e o Hamas (principalmente o grupo armado de Gaza, dirigido por Yhahya Sinwar) enxergam o passado não mais somente como uma mera inspiração, mas sim como um projeto de retorno, como uma utopia mobilizadora (Tietelbaum, 2020). É para esse regresso que estão apontados os já citados esforços de aceleracionismo da história. A purificação representa acelerar a história, desde que seja em direção a um passado puro e ideal (Herf, 1984).

Gramática da Destruição nos Discursos Públicos

Como exemplos da gramática de destruição posterior ao 07 de outubro, podemos tomar os constantes usos, por dirigentes de Israel, de referências bíblicas e históricas. Invariavelmente elas eram relacionadas à destruição e ao aniquilamento de inimigos. Nesse contexto, o próprio primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, cita, no dia 30 de outubro de 2023, em uma entrevista coletiva para todos os canais de televisão e estações de rádio do país, o versículo de “destruição dos Amalekitas”. Isso vai ocorrer já no fim da entrevista, em uma declaração aberta que alcança praticamente todos os cidadãos israelenses, que nesse momento estão traumatizados e em choque com os terríveis eventos de 07 de outubro.

Antes de dar a entrevista como encerrada, Netanyahu olha por cima dos jornalistas que escutam atentos a sua fala e afirma sem pestanejar: “Lem-

6. Uso aqui a referência de Jaques Sémelin que trata da relação entre destruição e purificação como central no debate sobre limpeza étnica práticas genocidárias (cf. Sémelin, 2009).

bre-se de Amalek. Vá e destrua Amalek” (Samuel 14-17). Sem deixar dúvidas, o primeiro-ministro mais longevo da história de Israel fala da Bíblia, mas se refere à atuação na guerra que se iniciaria naquele momento.

Fica difícil não fazer conexões entre o discurso do Byniamin Nethnyahu e a atuação de soldados que entram em Gaza para combater o grupo que recém produziu o maior massacre da história de Israel. Os Amalekitas foram condenados enquanto povo justamente por ter atacado mulheres e idosos na saída do Egito (Deuteronômio 25:17-19).

A condenação divina não diferenciou culpados e inocentes dentre eles, condenando à destruição a “semente” de Amalek. Ao citar esse versículo na entrevista para o público israelense que se levantava do luto infringido a eles pelo Hamas, e justamente quando as Forças de Defesa de Israel entram em Gaza, parece-nos que a sinalização está clara. A gramática de extermínio sem diferenciação de civis e militares é dada pelo governo de forma quase oficial.

Um segundo exemplo interessante pode ser a fala do ministro da agricultura, Avi Dichter. Dessa vez os vínculos não são bíblicos ou com a tradição judaica das fontes. O ex-dirigente da Polícia secreta de Israel e membro e deputado eleito pelo Likud aciona de maneira clara e direta a memória nacional da tragédia palestina. Ao ser questionado sobre a estratégia da Guerra em Gaza, afirma que:

Estamos implementando a Nakba⁸ 2.0 em Gaza. Do ponto de vista operacional, não há forma de travar uma guerra – como as FDI pretendem fazer em Gaza – com massas de pessoas entre os tanques e os soldados. Gaza-Nakba 2023. É assim que vai acabar. (Haaretz-11 de novembro de 2023).

Interessante que, ao afirmar que a guerra acabaria com uma segunda Nakba, uma Nakba de 2023, Dichter utiliza uma categoria tabu na sociedade israelense. Apesar de ser um fenômeno conhecido e academicamente estudado, a ideia de Nakba está interdita inclusive nas instituições de ensino árabe-israelenses. Ao utilizar essa referência, o ministro da agricultura desvela um trauma palestino e afirma uma prática do passado israelense, mas, dessa vez, estabelecendo

7. Lei de Moisés, São Paulo, 2000. Deuteronômio 25:17-19 / SAMUEL 14-1. In: Melamed, Mehir (tradução e adaptação). Torá- Lei de Moisés. São Paulo: Editora Sefer. 2000.

8. Catástrofe em árabe. Forma como Palestinos passaram a nomear os processos de derrota, destruição e expulsão nos processos de criação do Estado de Israel.

uma chave positiva nessa perspectiva. Ao garantir que o futuro reproduzirá o passado, ele afirma a existência da Catástrofe palestina. Mas faz isso afirmando que foi bom que ela tenha existido e prometendo que ela voltará a acontecer.

Por fim, trago um exemplo do que forma as constantes comparações do Hamas com os Nazistas. Quase que uma epidemia entre dirigentes da direita israelenses, a ideia de que o Hamas representa os nazistas dos tempos modernos mexe de maneira substancial com o que pode ser chamado de “memória coletiva” da sociedade israelense e deixa poucas dúvidas sobre o projeto do governo na invasão de Gaza. Dentre essas várias comparações, utilizo justamente a fala do primeiro-ministro em um importante discurso no Knesset (o parlamento israelense): “O Mundo deve se unir para derrotar Hamas como fez com nazismo” diz Netanyahu (Veja, 16 de outubro de 2023).

Não é difícil entender que a comparação do Hamas com os nazistas tem uma capacidade enorme de mobilização política e social na sociedade israelense. Além disso, com essas referências, não se antevê nenhuma possibilidade de atuação e contraofensiva que não seja a vitória final de destruição completa do grupo opositor. Claro, isso se torna possível justamente pelo nível de violência e crueldade dos ataques do dia 07 de outubro. Civis e crianças foram assassinadas em suas casas e sinagogas, o que levou setores da sociedade israelense a acionar a memória e os traumas geracionais do Holocausto.

Entretanto, aqui se trata de outro nível de informação. As falas das lideranças israelenses instrumentalizam a memória da Shoá e permitem a desumanização dos palestinos de Gaza. Nenhuma outra comparação histórica produziria mais monstruosidade em inimigos de guerra do que a perspectiva de que do outro lado da fronteira estão os nazistas contemporâneos, como afirma o historiador Omer Bartov:

Associar o Hamas aos nazistas significa realmente que o Hamas – e, por prestidigitação, refere-se aos palestinos de forma mais geral, ou à resistência palestina à ocupação israelense – como nazista. E, portanto, você não fala com os nazistas, você mata nazistas. (Bartov apud Doger, 2023).

De outro lado, o Hamas e seus representantes na Palestina tratam a necessidade de destruição de Israel (e dos judeus, em seus discursos) a partir da ideia de que sua “origem mítica e sagrada” não comporta a presença de outro grupo mais novo naquela Terra (Eliade, 2013). Nesse contexto, os judeus seriam invasores, colonialistas e falseadores de uma história que desafiava a sacralidade palestina

naquelas terras. Assim, por serem europeus (essa é narrativa do Hamas) e por falsearem suas origens (afirmando-se originários da região), os judeus devem ser expulsos e destruídos naquelas terras.

Dessa forma, há a essencialização da ideia de povo originário. O discurso dos judeus de retorno a sua Terra é visto como falseamento da história. Judeus sendo europeus de religião judaica (a desconstrução da identidade judaica e a ideia de que o movimento sionista é apenas uma estratégia colonialista) acabam colocando israelenses como impostores que devem ser destruídos.

Também aqui há a instrumentalização de trechos específicos do Corão para justificar a violência contra judeus que vivem da Terra sagrada islâmica. Por outro lado, não se pode ignorar o uso que se faz da história palestina e islâmica pelos seguidores do Hamas de Gaza.

Sinwar e seu liderados se percebem como seguidores reencarnados de Saladino, o libertador de Al Quds (Jerusalém) das mãos dos cruzados. Ao mimetizar essas relações, o Hamas promove um uso bem-sucedido da memória histórica. Transforma os judeus da Palestina em cruzados que devem ser destruídos e destituídos da Terra Santa. Já que com cruzados não há conversa, apenas destruição e morte os fazem entender quem é o Senhor daquele território.

Por fim, reafirmando a noção de aceleracionismo ao passado e à destruição total do Outro, os militantes dos grupos armados do Hamas, o Izzadim Al Qassam, carregam esse nome em homenagem a um Xequie morto nos anos 1930 na Palestina.

Al Qassam participava da resistência árabe-palestina ao colonialismo inglês e à vinda dos judeus para a região. Nesse contexto, ele vai protagonizar um dos primeiros embates entre judeus e muçulmanos na Palestina.

Nos anos de 1921 e 1929⁹, foram organizados *pogroms* (massacres) nas cidades mistas na Palestina britânica. Conhecidos como *Pogroms de Tarpat*, ju-

9. Depois de ser escolhido o Grão Mufti de Jerusalém, o xequie Amin al Hussein se transformou na grande liderança árabe contra a imigração de judeus sionistas para a Palestina. É correto afirmar que, até aquele momento, a oposição do Grão Mufti se centrava nos judeus ligados ao Sionismo que chegavam à Palestina. Apesar de posições extremistas, Anin Al Hussein, separava os judeus que estavam na palestina por séculos dos recém-chegados. Os próprios judeus pios e tradicionalistas de Hebron, Jerusalém, Safed e Tibérias olhavam para os recém-chegados sionistas com medo e desconfiança. Sefaraditas e ashkenazitas religiosos viviam em comunidades pacíficas onde árabes e judeus tinham relações boas. Pois tudo mudou em 25 de agosto de 1929. Nesse dia, o Mufti lançou um édito que obrigava seus seguidores a atacarem judeus nas cidades em que viviam. Centenas de mortos, entre homens, mulheres e crianças. De certa forma, foi o Massacre de Tarpat que marcou o início do conflito árabe-israelense na palestina. Este acabou por fazer desaparecer comunidades históricas, como a da cidade de Hebron, e fortaleceu o vínculo dos judeus tradicionais com o movimento Sionista em Eretz Israel. Ver: Site Instituto Brasil Israel. 25 de agosto 2020.

deus não sionistas, pertencentes ao antigo *Ishuv* (antiga comunidade) na Palestina, foram atacados e mortos pelas forças do Mufti.

A intenção ao atacar essas comunidades seria expulsá-las do território e indicar aos novos imigrantes que não havia espaço ali para outro grupo nacional que não fossem os árabes palestinos. O resultado, entretanto, foi o fortalecimento político dos sionistas na região e a consolidação dos grupos de autodefesa sionistas, que acabaram por formar as bases para o futuro exército de Israel.

Para o Hamas, entretanto, a lógica “metaestatal” e de regresso ao passado como projeto de futuro produzia a noção de que o retorno ao ataque a judeus na Terra Santa seria um indicativo de que os muçulmanos da Palestina tinham um novo Mufti, e de que os judeus daquela região deveriam fugir enquanto era tempo. Eles eram as novas vítimas dos novos tempos que de pronunciavam no horizonte.

Os dois grupos têm perspectivas maximalistas, ou seja, são projetos políticos que não fazem concessão, que se implementam na negação da política, na negação de acordos e na noção de destruição da alteridade.

Se a política está interdita, se os massacres são a resposta uns aos outros, não há espaços para análises complexas. Tudo deve ser simples e direto. Seculares e religiosos, ocidentais e não ocidentais, colonizados e colonizadores. Mas não é apenas no território da guerra que vemos isso, esse diálogo de exclusão entre Hamas e a extrema direita israelense está longe de ocupar apenas as sociedades israelenses e palestinas. Nas ruas da Europa e da América, é essa perspectiva simplificadora e chapada que ocupa o debate público. No Brasil, a realidade torna-se ainda mais complexa, como veremos no final desse artigo. Entre as duas extremas-direitas em jogo, grupos de palestinos e israelenses promovem, a partir de outubro, um diálogo genocidário que ocupa ruas e posts mundo afora.

Literatura, Conflito e Profecia

A literatura pode ajudar na compreensão de processos sociais e políticos que estão ocorrendo. Análises políticas acuradas feitas por historiadores e sociólogos têm referências técnicas específicas, contam com apontamentos para a objetividade e com recursos analíticos reproduzíveis em campos distintos. A literatura às vezes provê referências distintas, emerge da alma de autores com temporalidades diferentes que nos permitem analisar situações distintas com textos clássicos e escritos em outras épocas. O encontro da História com a Literatura é provocativo, voluntário e criativo.

O exercício de analisar um texto com demandas posteriores e urgentes de seu próprio tempo é o que nos permite enxergar e seguir caminhos traçados por autores em décadas anteriores. Se a sociologia fala de profecias autorrealizáveis, na literatura se enxerga, na alma inquieta do autor, uma série de profecias feitas ao léu. Ditas em um momento às vezes pouco receptivo e frequentemente fadadas a não serem compreendidas até que aconteçam. Nossa função é entendê-las *a posteriori* e lamentar não termos compreendido o que eles diziam quando foram ditas. Profecias feitas para que no futuro entendamos os passados. Nesse sentido, historiadores e autores de ficção estão no mesmo lugar, conseguem prever o passado:

A necessidade de pensar em conjunto história e literatura parece encontrar um legítimo fundamento nas palavras de Octávio Paz “A História é o lugar de encarnação da palavra poética”. Concebidas nesta relação, História e literatura apresentam-se não como duas realidades paralelas e, portanto, dissociadas, passíveis de serem postas em contato por meio de um processo artificial, externo e posterior que detecte a influência, a ocorrência e a reprodução dos fatos sociais no texto literário. Mais que isso, toda criação artística é produto de um tempo e de um lugar específicos, e corresponde a uma determinada atuação do homem em interação com o seu universo. (Gobbi, 2004, pp. 2-3)

Nesse contexto terrível de 2023-2024, quando somos inundados por cenas trulentas de crianças sequestradas, idosos reféns em túneis no subterrâneo, ao mesmo tempo em que vemos milhares de crianças mortas sob escombros e órfãos famintos correndo para o nada, entre cidades destruídas por um exército superpoderoso, nos lembramos de um texto escrito por um autor israelense com nome de profeta. O profeta Amos.

Entre desejos de morte e destruição do Outro, entre jubilo e gozo pela possibilidade de aproveitar-se do sofrimento alheio, entre a incompreensão de uma guerra cuja estratégia inalcançável é promessa de sofrimento por gerações, relemos um conto de Amós Oz (1939-2018). “Os que cavam” está presente no livro *Cenas da vida na aldeia* (Oz, 2009). Ao relermos hoje as linhas daquele texto, não podemos nos furtar de fazer a pergunta: como pudemos não perceber que aquilo era um aviso, uma receita para o desespero?

As páginas escritas por Amós Oz pareciam ser uma advertência sobre o que poderia acontecer se não escutássemos os barulhos que o fundo da terra regurgitava. Não percebemos então. Como em toda boa profecia, é o passado que

pode ser previsto em um presente inevitável e diante de um futuro terrivelmente próximo. Apenas quando o cheiro da morte alcança o lado de cá do oceano, quando a xenofobia, a islamofobia e o antissemitismo viram eco da terra, é que entendemos um conto perdido em um livro perdido de um autor morto. Amos Oz nos avisava e, como não podia deixar de ser, não escutamos.

Este conto tem três personagens centrais: Pessach Kedem, descrito como um homem velho e rabugento que morava com sua filha Rachel, uma professora com uma vida estagnada, e Adel, um jovem palestino que morava em um barracão construído pelo ex-marido de Rachel no quintal da casa dela. De maneira geral, o conto é uma síntese do conflito intergeracional de Israel e Palestina.

Adel só pode frequentar alguns espaços da casa com a permissão dos donos, Rachel e Pessach, que vivem de maneira solitária e silenciosa. Há uma desconfiança mútua, uma tensão que paira no ar, principalmente entre Pessach e Adel. Em algum momento do conto, Pessach afirma começar a ouvir barulhos embaixo da casa, à noite e somente à noite. Atordoado, comenta com Rachel, que, por sua vez, nada escuta e acha que é coisa da cabeça de um velho ranzinza. O barulho, até então não comprovado ou investigado, se torna um agente do conto.

O ruído constante de pessoas escavando o subsolo da casa aciona em Pessach fantasias que desvelam a tensão e a desconfiança em relação a Adel. Pessach afirma que é Adel cavando embaixo da casa para encontrar vestígios arqueológicos que comprovem o pertencimento a ele daquela propriedade. Pensa também que, se o barulho ficar muito alto, pode representar o início da destruição das estruturas de sua casa. Há algo de ameaçador e barulhento embaixo de seus pés. Entretanto, nenhuma situação concreta havia ocorrido¹⁰. Em algum momento, também Adel começa a escutar esse barulho. Rachel se convence disso e passa então a acreditar que há algo no subterrâneo de onde os três estavam.

A desconfiança mútua e a tensão também passam a ser agentes do conto, sem os quais não é possível entender o que está em jogo. Na história, Pessach, sendo o mais velho, um político socialista ex-deputado da Knesset (parlamento israelense), é o primeiro a escutar, desconfia do outro que mora em

10. A noção empregada no conto sobre esse barulho subterrâneo pode também ser interpretada pela forma como Michael Pollak (1989) lida com seu conceito de memórias subterrâneas, que são aquelas preteridas pelo Estado e pelas instituições que detêm as memórias oficiais e hegemônicas. A memória subterrânea seria aquela pouco difundida, de algum grupo ou região específica. O barulho subterrâneo pode representar essa especificidade que não está nítida para a superfície.

seu quintal e, ao mesmo tempo, repassa para a futura geração, Rachel, o alerta sobre as centelhas de ruídos.

A genialidade do conto está na forma simples e profunda com que a trama narra a tensão, ora como energia potencial, ora como energia cinética. São nesses períodos, entre a latência e algum evento revelador dos traumas pouco reconhecidos mutuamente, que a vida acontece naquela região. Nas frestas entre dois muros altos e extensos, o da Nakba e o da Shoá¹¹, o trauma se atualiza ao ser acionado pelas violências insurgentes, que abafam outras maneiras de manifestar os diálogos que perfuram os muros, físicos e simbólicos, entre as populações civis de israelenses e palestinos.

Esse conto nos ajuda a reconhecer a narratividade dos fenômenos. Há aqui um pressuposto epistemológico, que é o de compreender que fatos são feitos, ou seja, os fatos são produções a partir da ação e interação de sujeitos em um determinado espaço e tempo. Esses feitos são frutos de discurso e geram outros discursos. Sendo assim, no caso Israel/Palestina, saber que os fenômenos são mediados por discursos não é transformar um problema concreto em algo da ordem exclusivamente linguística¹². Ao contrário, é entender como a ordem discursiva produz a ordem prática, de forma continuada, mediada, mas constante.

Reconhecer diálogos entre Hamas, Jihad islâmica e a extrema-direita israelense não é, necessariamente, equiparar modos de funcionamento nos sentidos político e bélico, mas entender que há uma língua sintomática¹³ em diálogo entre os extremismos políticos. A aproximação da narratividade em questão é entre extremas-direitas: de um lado, a israelense, parte da linha política dos partidos

11. A Nakba como a tragédia palestina, iniciada com a construção do Estado de Israel, e a Shoá, uma nomenclatura para Holocausto, a tragédia judaica.

12. No capítulo *Metaficção historiográfica: o passatempo do tempo passado* (Hutcheon, 1991) há uma crítica pertinente acerca do enquadramento pós-moderno de transformar fenômenos em meras representações discursivas.

13. A noção de sintoma foi extraída do trecho “o que genericamente designa-se por sintoma – esta categoria que funda historicamente toda clínica possível – admite tanto o sentido de experiência de sofrimento (sintomas transitórios), como o sentido de signo de um processo patológico (sintomas típicos), além do sentido de mal-estar ainda não reconhecido ou nomeado coletivamente (sintomas individuais). Há formas de sofrimento que ainda não podem ser nomeadas e outras que já não podem mais reconhecidas, assim como há mitos individuais e coletivos, transitórios e permanentes, típicos e atípicos. Isso nos habilita distinguir o sofrimento excessivamente nomeado, codificado sob formas jurídicas, morais ou clínicas, ao modo do sintoma típico, do sofrimento insuficientemente nomeado que se apresenta como mal-estar difuso (Unbehagen), angústia flutuante ou condição incurável atinente a uma forma de vida.” (Dunker, 2015, p. 116)

Likud e Otzmat Yehudit, protagonizados por Benjamin Netanyahu e Itamar Bem Gvir; do outro lado, o extremismo palestino, tendo o Hamas como força principal.

No debate público, esses atores aparecem como lados completamente opostos em relação aos seus interesses. Por outro lado, há uma semelhança entre am, que é a síntese da maioria dos processos históricos de caráter genocídrio (Feierstein, 2008), o aniquilamento do Outro como objetivo. A destruição da possibilidade de alteridade, de caminhos para a coexistência ou de políticas que viabilizam uma vida com dignidade são traços recorrentes de um desejo de ação de destruição e de limpeza étnica.

Pensamos também não haver desumanização do Outro sem uma linguagem que a promova¹⁴. Para essa leitura, mobilizamos um conceito caro à psicanálise, o de pulsão de morte, que Freud forjou depois de observar e analisar o contexto pós-Primeira Guerra Mundial. A ideia da pulsão de morte nos auxilia a compreender esse fenômeno sob uma ótica que privilegia os aspectos da linguagem na consolidação simbólica do genocídio.

A pulsão de morte foi um conceito trabalhado por Sigmund Freud a primeira vez em *Além do princípio do prazer* (1920). Ao longo do tempo, esse conceito foi sendo revisitado e trabalhado por outros psicanalistas, até que se chegou à famosa frase do Lacan, “toda pulsão é pulsão de morte”¹⁵ (Lacan, 1966), ao fazer referência ao caminho da pulsão de morte além da linha limítrofe da possibilidade de vida. A pulsão de morte não é somente a busca por ausência de vida ou retorno a um estado inorgânico, mas também a tentativa de suprimir a tensão que é característica da vida, ou seja, a pulsão de morte pode ser enquadrada como uma busca pelo gozo absoluto perdido. Esse gozo absoluto poderia ser lido também como uma espécie de nirvana, de ausência de limites e, portanto, de desejo e de fala.

A busca pelo gozo absoluto exclui o Outro, pois não há como haver um Outro, já que esse impõe um limite ao Eu. Nas experiências de genocídio, o Outro é criado no seio de uma sociedade para ser combatido¹⁶. Inventa-se uma

14. O caso de transformação da linguagem e o esvaziamento de algumas palavras promovidas pelo nazismo é emblemático (Klemperer, 2020).

15. Essa frase pode causar certas interpretações equivocadas. Aqui ela se refere ao gráfico traçado da pulsão de morte, em que a continuidade da linha que a representa está tanto dentro do que pode ser considerado salutar para a vida, quanto abaixo da linha que representa a destruição do sujeito (Lacan, 1966).

16. Idem.

identidade outra que se torna um repositório de tudo aquilo que deve ser exterminado, punido ou limpado, principalmente no que concerne a características físicas, comportamentais, marcas identitárias, origem étnica e classe.

Todos esses elementos podem se tornar fatores dignos de repúdio em um contexto de expurgo de uma população inteira, viabilizado pela linguagem desumanizante ou pela renovação de práticas políticas de exclusão. Renovação, porque todo acontecimento sobressalente como um projeto genocidário se apoia em um leito histórico de exclusão de determinada população. O curioso é que nem sempre as exclusões geram necessariamente um genocídio (Postone, 2021), mas são condições fundamentais para que eles ocorram.

No conto de Amos Oz, há uma referência fundamental, compreendida e percebida somente agora, diante da experiência genocidária experimentada pelo massacre de 07 de outubro e pela destruição e mortes produzidas pelo exército de Israel em Gaza. Os que cavam não estão entre os que podem dialogar.

Pessach e Adel desconfiam um do outro, mas estão na superfície, escutam que cavam abaixo de seus pés. Adel escreve um livro sobre a experiência de ser palestino nas aldeias destruídas pela Nakba, Pessach vive a experiência socialista fracassada em um país que virou capitalista e ocupante. Ambos escutam, entretanto, os que cavam abaixo de seus pés. Ambos percebem que os que cavam engolirão os que acima estão. Os que cavam podem destruir, sequestrar e acabar com perspectivas de acordos dos que estão acima.

No conto, em algum momento, o palestino e o judeu escutam as vozes do subterrâneo. Ambos escutam os que cavam. Escutam o desejo de morte e destruição que erode a superfície que pisamos como se nada estivesse a acontecer.

O fascismo de Ben Gvir e Nethanyahu seguram as mesmas pás que o fanatismo purificador de Hanya e Sinwar tem nas mãos. Eles cavam buracos e cavernas abaixo dos pés da política e dos acordos cotidianos. Perspectivas conspiracionistas e de extermínio implodem esperanças de acordo e coexistência. Os que cavam desestabilizam as estruturas políticas e sociais construídas na imperfeição do mundo da superfície. A linguagem do genocídio e da limpeza étnica são os ruídos do subterrâneo.

Outubro de 2023 foi a cratera aberta para israelenses e palestinos. Todos caíram nela. A barbárie venceu aqueles que fingiam não escutar os sinais. Os Ruídos do subterrâneo.

Conclusões precárias

Escrevemos esse artigo em um contexto político precário. As vozes do subterrâneo continuam na superfície e dominam as perspectivas do futuro. São as sombras que nos guiam. Nessa semana, as mortes continuam numerosas em Gaza e na Cisjordânia. Netanyahu continua a usar a gramática bíblica de ódio e ameaças para falar de um futuro a que esperamos nunca chegar. Por outro lado, os reféns israelenses continuam desaparecidos no subterrâneo de uma Gaza bombardeada e destruída. As suspeitas de execução se fortalecem, principalmente na descoberta de corpos amarrados em cavernas encontradas pelos que invadiram o território palestino. Dentre eles, uma criança de um ano que comemora seu primeiro aniversário como refém em Gaza, depois de três meses no cativeiro.

Internacionalmente, as estaturas multilaterais parecem iniciar um esforço para impedir a continuação da matança. O Tribunal Internacional de Haia começa a julgar uma demanda sul-africana pela plausibilidade de cometimento de genocídio em Gaza. No processo, justamente os discursos aqui citados estão servindo como prova da intencionalidade de prática de genocídio. O processo pode parar a guerra adotando uma exigência de cessar fogo? Cedo para saber.

Enquanto isso, pelo mundo, a parte domina o todo. Perspectivas de violência e extermínio ocupam espaço da complexidade e da pluralidade das sociedades palestinas e israelenses. O Hamas e Netanyahu personificam as duas perspectivas. Referências dialógicas são acuadas para a beira do precipício. Manifestações e redes sociais ativas pedem linchamentos públicos. Islamofobia e antissemitismo estão em alta. Instrumentalização do antissemitismo também. Se, por um lado, nada é antissemitismo, e a decisão está nas mãos dos que ofendem e acusam; por outro lado, tudo é antissemitismo, e a tentativa de censura e controle leva analistas às barras dos tribunais.

Estamos em tempos trágicos. No Brasil, a situação ainda é mais complexa. O autor deste artigo foi enxotado de uma palestra em uma Universidade. A autora deste artigo foi demitida de um colégio judaico depois de fazer uma postagem crítica em rede social acerca da guerra. A acusação de ambos? Serem apoiadores do Hamas. Os julgadores? Os que cavam e têm resquícios do bolsonarismo como prática política.

No Brasil, a situação é mais complexa, porque a parte pelo todo é feita de refém pelos contextos absolutamente locais. Resquícios do bolsonarismo adotam perspectivas da extrema-direita israelense e opositores de Bolsonaro incorporam referências de destruição e ódio típicas do Hamas. A simplificação

é hegemônica, a complexidade é interdita. O labirinto das certezas se fecha. O genocídio e o discurso genocidário são tidos como alternativa real: é a parte ocupando o todo. Os ruídos do subterrâneo estão fortíssimos, aqui também, e é preciso a reação da superfície.

Those who dig find similars – genocidal discursive approximations between Hamas and the Israeli far right

ABSTRACT *The objective of this article is to analyse two narratives in the context of Israel/Palestine, which appear as opposites in the public debate. As protagonists, Israeli Likud/Otzmat Yehudit/ Religious Zionism parties and Palestinian Hamas/Islamic Jihad groups. Both narratives generate the idea of confrontation and destruction of the Other. The article will analyse discourses of Palestinian/Israeli public figures relevant to both societies. In this context, we use a short story by Amos Oz, that relates subterranean concrete tensions perceived and experienced by Israeli and Palestinians generations. Concepts such as Death Drive and Genocide are mobilized to understand the recent events since October 7, 2023.*

Keywords: *Palestina; Israel; literature; genocide; war; coexistence.*

Los que escarban encuentran similitudes - aproximaciones discursivas genocidas entre Hamas y la extrema derecha israelí

RESUMEN *El objetivo de este artículo es analizar narrativas de destrucción del otro en el contexto de Israel/Palestina. Estas narrativas aparecen como opuestas y están en el lideradas por la línea política de los Partidos israelíes Likud/Otzmat Yehudit/Sionismo Religioso y los grupos Palestinos Hamas/Jihad Islámica. Ambas narrativas generan la idea de confrontación y destrucción del Otro como hegemónicas. El artículo contiene análisis de extractos de discursos de figuras públicas relevantes para Israel/Palestina que se remontan a una historia de Amos Oz, concretando tensiones subterráneas expresadas en la literatura, ya percibidas durante generaciones por israelíes y palestinos. Conceptos como pulsión de muerte y genocidio se movilizan para comprender los eventos desde el reciente episodio del 7 de octubre de 2023.*

Palabras clave: *Palestina; Israel; literatura; genocidio; guerra; coexistencia.*

Referências

Becker, H. S. (1977) *Uma teoria da ação coletiva*. Zahar Editores.

Cesare, D. di (2022). *O complô no poder*. Âninyé.

- Doger, G. (2023, 5 de dezembro). Israel legitimizes killing Gazans by comparing Hamas to Nazis, says Israeli professor. *Anadolu Ajansı*. <https://www.aa.com.tr/en/middle-east/israel-legitimizeskilling-gazans-by-comparing-hamas-to-nazis-says-israeli-professor/3074123>
- Dunker, C. I. L. (2015) Mal-estar, sofrimento e sintoma. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, 23 (1), 115-136.
- Feierstein, D. (2008). *Seis estudios sobre genocidio*. Análises de las relaciones sociales: otredad, exclusión, exterminio. Editores del Puerto.
- Foot, P. (1972). Morality as a system of hypothetical imperatives. *The Philosophical Review*, 81 (3), 305-316.
- Gherman, M. (2014). Entre a Nakba e a Shoá: catástrofes e narrativas nacionais. *Revista História (São Paulo)*, 33 (2), 104-121.
- Gherman, M. (2022, novembro). A Extrema Direita Estimula a Comunidade Judaica a Criar Inimigos Internos: A História de um Judeu Sionista de Esquerda Acusado de defender o Hamas e de ser Antissemita. *Revista Piauí*. Ed. 206.
- Gobbi, M. V. (2004). Relações entre ficção e história: uma breve revisão teórica. *Itinerários*, 22, 37-57.
- Gutiérrez-Terrazas, J. (2002). O conceito de pulsão de morte na obra de Freud. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* 5.
- Herf, J. (1984) The Engineer as Ideologue: Reactionary Modernists in Weimar and Nazi Germany. *Journal of Contemporary History*, 19 (4).
- Hutcheon, L. (1991). *Metaficção historiográfica: o passatempo do tempo passado*. Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção. Imago.
- Klemperer, V., & Oelsner, M.B.P. (2020) *LTI: a linguagem do Terceiro Reich*. Contraponto Editora.
- Koselleck, R (2006). *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos modernos*. Contraponto.
- Lacan, J. (1966) *Écrits*. Editions du Seuil.
- Melamed, Mehír (tradução e adaptação). *Torá- Lei de Moisés*. São Paulo: Editora Sefer. 2000.
- Oz, A. (2009). *Cenas da vida na aldeia*. Companhia das Letras.
- Péchy, A. (2023, 16 de outubro). O Mundo deve se unir para derrotar Hamas como fez com nazismo, diz Netanyahu. *Revista Veja*. <https://veja.abril.com.br/mundo/mundo-deve-se-unir-para-derrotar-hamas-como-fez-com-nazismo-diz-netanyahu>
- Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. *Revista estudos históricos*, 2, (3), 3-15.
- Postone, M. (2021). Antissemitismo e nacional-socialismo. In. *Escritos sobre a questão judaica*. Org. Marcos Barreira. Consequência Editora.
- Rink, A, & Sharma, K. (2018). The determinants of religious radicalization: evidence from Kenya. *Journal of Conflict Resolution*, 62 (6), 1229-1261.
- Sémelin, J. (2009). *Purificar e Destruir: Usos Políticos dos Massacres e Genocídios*. Difel.
- Teitelbaum, B.R. (2020). *Guerra pela eternidade: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista*. Editora da Unicamp.

Michel Gherman e Milleni Freitas Rocha

Tov, M. H. (2023, 12 de novembro). We're Rolling Out Nakba 2023, Israeli Minister Says on Northern Gaza Strip Evacuation. *Haaretz*. <https://www.haaretz.com/israel-news/2023-11-12/ty-article/israeli-security-cabinetmember-calls-north-gaza-evacuation-nakba-2023/0000018b-c2be-dea2-a9bfd2be7b670000>

Recebido: 20/2/2024

Aceito: 23/2/2024

Michel Gherman

michelgherman@gmail.com

Milleni Freitas Rocha

milleni.23@hotmail.com